

A POLTRONA 23 – DESLOCAMENTOS E MEMÓRIAS DE UMA ORIENTAÇÃO NA VIDA

Antônio Carlos Cerezzo

“E compreendo melhor porque eu sentia tanta dificuldade em começar, há pouco. Sei bem, agora, qual era a voz que eu gostaria que me precedesse, me carregasse, me convidasse a falar e habitasse meu próprio discurso”.

A Ordem do Discurso, M. Foucault

Este é um texto sem bibliografia, sem material outro que não o das lembranças e dos afetos, aquelas e estes resgatados das marcas da vida e dos registros digitais de vários anos, pelo menos uma dezena, em meio a pouco mais do dobro de um convívio desde sempre carinhoso.

Já havia pensado, em março de 2008, em fazer algo similar: reunir, na forma de livro, todas as mensagens trocadas com minha Querida Orientadora, Professora Sylvia Leser de Mello, e entregar a ela por ocasião da defesa, que se daria – e assim de fato ocorreu – dois meses depois. O título: *CARTAS ELETRÔNICAS: diário de campo entre Antônio Carlos Cerezzo e Sylvia Leser de Mello*. Não o fiz. Tal possibilidade se esgotou quase definitivamente quando o provedor de email que usava à época foi encerrado recentemente e as mensagens, transferidas para outro que, na contra-mão do “avanço tecnológico”, recusa-se peremptoriamente a fazer uma pesquisa. A passagem do tempo é cruel, desaguando em lamento por aquilo que se pensou fazer e foi deixado para depois...

Nesse diálogo, ocorrido em 12 de maio de 2015, por ocasião de uma mensagem minha de aniversário (8 de abril) que teimava em não chegar, desfaz esse lamento em sabedoria e delicadeza:

Sylvia,

Não é de hoje que nos falamos – ou, que seja, escrevemos... – nesse mesmo dia. Mas não apenas nele. Se se repete nessa data é apenas como homenagem a todas as outras em que, com o mesmo Carinho, tenho o prazer de trocar palavras com Você! Assim, por esse e por todos os outros dias, Parabéns!

Querido Cerezzo,

não achei a outra mensagem. Sabe-se lá onde vão parar! Deve haver um espaço sideral cheio de coisas assim: pedaços de foguetes, satélites e mensagens. A amizade e o afeto não vão: eles são como uma substância que nos liga, mesmo à distância.

Fico muito grata pelo carinho. Vamos fazer o bolo de 160 velas, falar bem de todo mundo, e esperar que o nosso país melhore um pouquinho.

A NOTÍCIA

Foi em Sete Lagoas, cidade do entorno de Belo Horizonte, que fiquei sabendo. Já não era habitual eu ir pra lá, desde que, dois anos antes, havíamos montado, eu e minha companheira, um pequeno apartamento no Rio, para um jovem casal de 55 anos. Até então, havia experimentado muitas vezes a poltrona 23, nem sempre disponível, para este outro destino, em viagens mais longas que aquelas para São Paulo, mas não menos embaladas em afetos. Mas essa é uma outra história... Desta vez, havia ido especialmente para o Ano Novo, e de avião, com minha mãe, que, do alto de seus 89 anos, não mais se permitiria um deslocamento de ônibus. Com isso, a volta à poltrona 23 foi adiada.

Seria um Ano Novo de certa forma sob tensão: entre as expectativas que a data em geral provoca, e, no caso, as voltadas à esperança por soluções para a pandemia, e aquelas que apontavam para um ano de dor. Prevaleram, já naquele dia 3 de janeiro, as segundas, quando retornei, em um dia cinza e chuvoso, à poltrona 23, ainda apenas em pensamento, através de um email repassado por Heliana Conde, dublê de Amiga-Professora (e vice-versa) e editora desta revista em que ora me vejo publicado, e doravante chamada Lili.

“Escrevo para lhe dar notícias sobre nossa querida Sylvia. Infelizmente, ela faleceu hoje, em torno das 13h30”.

Esse dia mostrou que as dores do ano que se iniciava não teriam só o caminho da pandemia, e que as oportunidades de estar com quem gostamos não se esgotavam apenas pelo risco de infecção.

A poltrona 23 só voltou mesmo em assento uns dez meses depois, quando retomei um deslocamento a trabalho, e me vi novamente escolhendo lugar em um ônibus. Curioso como algo tão simples como a escolha de um assento para uma viagem – desta vez, bem curta, uma hora e dez minutos – atualiza emoções tão fortes! São elas que vieram a se efetivar nesse escrito, com a sugestão de Lili para esse número de Mnemosine, e que me fizeram voltar ao dia 3 de janeiro e aos vinte e poucos anos que o antecederam.

A PRIMEIRA VEZ

Lembro-me bem da primeira vez. Achei que seria de bom tom deixar uma bebida à mão. Cerveja esquentaria – sim, pois seria um papo longo. Whisky parecia mais apropriado, ainda mais que só bebo sem gelo, e não precisaria me levantar para pegar mais. Apenas alguns anos depois viria a saber que o ideal teria sido um Campari!

Fins do século passado, 1998 ou 1999, e por sorte os aparelhos de telefone já eram de tecla – o ir e vir do disco tornaria infinito o tic-tac daquela ligação interurbana. Ela já sabia que em algum momento eu ligaria. Eu é que não sabia se ela atenderia. Já no primeiro gole, enquanto a ligação se completava, o whisky se mostrou a melhor escolha. Ela atendeu logo - o “Alô” em sua voz inconfundível não deixou dúvidas. Ainda assim, não podia me mostrar presunçoso:

- Boa noite. Poderia falar com Sylvia?

Não cheguei a contar no relógio, mas imagino que menos de um minuto depois já havia desligado, com uma viagem marcada para Sampa. O whisky terminara em seu quarto gole e pude seguir para a cerveja, que naquela época não era nem importada, nem artesanal.

A POLTRONA 23

Não tenho certeza se a poltrona 23 já aparece nessa primeira viagem. De qualquer forma, um pouco de ficção não faz mal a ninguém.

Lembro que fui com Lili, ela já na condição de orientanda – há uma sequência de outras cariocas que a antecederam sob orientação de Sylvia, e da qual, até onde sei, eu fui o último após Lili. Considerando que àquela época eu era mais afeito aos recursos tecnológicos que Lili – hoje, corre à boca miúda que até WhatsApp ela usa! –, é provável que eu tenha reservado as passagens pelo telefone – sim, telefone, não por site –, o que aumenta consideravelmente a possibilidade de já ter feito a escolha da poltrona 23, e, no caso, de sua inseparável 24.

Eu e Sylvia já havíamos nos encontrado, tendo inclusive testemunhado o encontro em que ela e Lili se convidaram à orientação. No meu caso, chegar a isso foi mais demorado. Nesse primeiro momento, acertamo-nos quanto ao que eu pretendia investigar, e só mesmo uma Orientadora com ‘O’ maiúsculo se disporia a acompanhar uma historiografia da AIDS estando ela voltada com dedicação e afinco a atividades de incubadora e economia solidária. Não à toa, ouvi na banca, com orgulho, que meu trabalho só foi possível por se dar na USP e, em especial, com Sylvia!

Enfim, foram 6 ou 7 anos até que nos acertássemos, seja por ela não abrir vaga, seja por não vir a ter bolsa, no caso, literalmente de estudo, condição para me manter em deslocamento semanal. Assim, só em 2005 a poltrona 23 veio a ocupar seu devido lugar. Cabe esclarecer por quê esse número.

Quando me vi na perspectiva de me deslocar semanalmente por dois anos – no meu caso, acabou sendo um ano e meio – entre Rio e Sampa, entendi que isso, mais do que uma rotina, seria um modo de *outra* vida. De fato, aquelas 24 horas entre minha saída e volta ganharam

autonomia, um período à parte, um tempo de existência dedicado a pensamentos em torno de um assunto, sim, mas com desdobramentos sobre a vida como um Todo, que até hoje são experimentados. Essa outra vida merecia dedicação, para a qual organização e planejamento se mostraram fundamentais. E tudo começava pela ida.

O total de poltronas de um ônibus interestadual varia entre 44 e 48, excetuando-se, quando o ônibus é de dois andares – comuns hoje, mas não naquela época –, as da parte de baixo, exclusiva para leito. Uma viagem de ônibus apresenta dois inconvenientes: a proximidade ao banheiro, não só pelo cheiro, mas também pelo entrar-e-sair e bater de porta, e a adrenalina de ir à frente, com a estrada entrando pelo para-brisa e cada curva se tornando a descida de uma montanha russa no escuro! Uma visualização das poltronas no ônibus não deixa dúvidas: a poltrona 23 fica no meio. Um pouco de temperança é bom às vezes. Além disso, como fica do lado direito, evita cruzar os olhos com os faróis dos veículos na mão contrária. Por fim, é na janela, o que evita os chutes dos pés arrastados idos e vindos do banheiro. Em suma: a poltrona 23 é o lugar perfeito. E foi nela que aquela outra vida, a cada semana, se iniciava.

O roteiro era mais ou menos o mesmo, a cada semana: sair de casa à meia-noite – sempre ia no ônibus de 1h10 –, pegar no guichê a passagem comprada pelo telefone, seguir viagem até o terminal rodoviário de São Paulo, banheiro, estação do metrô, trocar de linha, saltar na Av. Paulista, tomar café da manhã, ônibus na Augusta para o campus da USP. Aulas, bibliotecas, almoço, aulas, livrarias e livreiros, retorno. Inúmeras foram as situações ocorridas, presenciadas, vividas nesse tempo-espaço de 24 horas entre as duas capitais! A maioria delas compartilhadas com Sylvia, sempre presente nesses dias, em nossos encontros “de orientação”. O que se orientava ali – e disso já tive certeza desde logo – foi um percurso do qual me sinto herdeiro até hoje, e com o qual pude resgatar quinze anos de experiência com o tema aids através de uma interlocução ímpar. Uma filósofa participante da formação do meio psi acadêmico e nele *aceita* com todo o reconhecimento que merece. Acredito que outros venham a abordar esse aspecto importantíssimo da vida de Sylvia. Aqui, fico restrito ao exercício de Amizade que se constituiu nesse meu percurso acadêmico, no qual, ao mesmo tempo em que Sylvia constituía parte de minhas memórias, também me compartilhava as dela.

Foi assim que me tornei responsável por transportar para São Paulo uma enciclopédia infantil que ela encontrara em uma vinda ao Rio, em um sebo no Catete, a mesma que ela tivera quando criança. E foi com olhos de criança que ela nos contou, a mim e a Lili, a alegria por tê-la encontrado. O problema era o peso: 20 volumes em capa dura, que, uma vez adquiridos, foram deixados no próprio sebo, à espera de uma oportunidade de chegar em São Paulo. Essa oportunidade era eu! Pegamos os volumes de carro, eu e Lili, devidamente autorizados por ela junto ao livreiro, e os deixamos na sala da UERJ onde trabalhávamos. Semanalmente, de quatro em quatro, os volumes foram se deslocando para São Paulo, onde retomaram, cerca de sessenta anos depois, a seu devido lugar.

Imagino que da mesma época dessa enciclopédia original, com suas páginas coloridas e textos transbordantes para uma criança, são suas lembranças do barco que, junto com seu irmão – pelo que entendi e suponho, mais ele do que ela –, construíram para navegar na Lagoa Rodrigo

de Freitas – sim, essa aqui do Rio, onde morou quando criança. Perdi a chance de saber como era a Lagoa de então.

A última vez em que nos vimos foi em julho de 2018. Fui com minha companheira visitar a filha dela, que morava em São Paulo à época, e marcamos no início da tarde de um sábado em um bar. Seu coração, que tanto me acolhera e a tantos outros, já não mais sustentava uma vinda ao Rio, diversas vezes imaginada. Dessa vez, foi significativamente enfática ao dizer que iria. E foi nesse encontro que outro pedaço de vida lembrada me foi dado, e na forma de um pedido, infelizmente não atendido. Tendo dito a ela que estávamos por ir a Paraty pouco depois, lembrou de um primo, Eduardo, que, imaginava ela, por lá andava (Paraty é a convicta lembrança que tenho, que não parece corresponder à realidade, pois para lá só fomos no ano no seguinte. A viagem próxima que fizemos foi à Ilha Grande. Deixo o registro em Paraty, por conta da ficção). Falou dele com Carinho. Não conseguimos saber nada dele quando lá estivemos. Mais uma vez na conta dos lamentos, me pergunto por que não fiz uma pesquisa mais cuidadosa, se as fazemos para achar pessoas sem importância e por mera curiosidade...

Foi também nesse encontro que falamos de Celso, seu companheiro de grande parte de toda vida, que falecera no ano anterior. Nos conhecemos apenas por voz, sagrado hábito hoje em desuso. Inconfundível o quase-jargão com que me lembrava ao perguntar a que horas ela chegaria: “*Ah, Cerezzo, você sabe como é Sylvia... Ela sai e nunca sabemos a que horas ela volta*”. Além da voz por telefone, eu o vi uma vez. Foi em uma homenagem a Sylvia na USP. Para lá fomos, e apenas para isso, eu e Lili. Foi ela que me apontou, ainda que incerta: “*Acho que aquele é o Celso*”. Também sem saber por quê, não fui até ele.

DATAS

Terminados os créditos, nossos encontros presenciais rarearam – nada a ver com os presencias *atuais*, substituídos, em meio a diferentes reclusões, pelos *aplicativos*, que, naquela época, eram chamados de *programas*, e quase não se prestavam para este fim. Ficamos, então, no uso da voz e do e-mail.

Tanto em uma, quanto em outro, algumas datas se destacavam: 8 de abril (aniversário dela), 15 de outubro (Dia do Professor) e fim de ano. E quando alguma dessas datas escapava do ato, sempre era possível inventá-la.

Queridas Sylvia e Lili,

Depois de muitos anos, fiquei sem parabenizá-las em 15 de outubro. Foi um domingo, e não apenas o marasmo natural do dia, mas também as afetações que a escola tem produzido em mim, me afastaram do ato! Aliás, passar ao ato tem sido uma dificuldade geral...

Percebida a ausência, havia decidido deixar passar um mês, o que fez com que chegasse a 15 de novembro, e as alusões à República - que cada vez mais tem menos a ver com res publica... - novamente me impediram ao ato...

Enfim, resolvi inovar: sendo Caro o Carinho, devido e merecido permanentemente, Todo Dia é Dia do Mestre!!! E nada melhor do que este dia primeiro do último mês do ano, quando os diários se fecham, as maçãs já foram dispostas sobre a mesa, e os livros retornaram às sacolas agora pesadas, para re-inaugurar meu mais Delicado e Dedicado Parabéns! (ACC, 1/12/2017)

Sempre me impressionou como, em suas respostas, dava continuidade ao que recebera, como se sempre disposta a construir um texto junto. Esses pequenos fragmentos que nos enviávamos, e que continham nossas assinaturas, me deram o gosto dos textos que não escrevemos juntos.

Sylvia, Querida,

Os tempos estão bicudos... Nessas horas, só as Certezas - as com "C" maiúsculo, que são poucas! - contam. Entre elas, a de que uma data como a de hoje merece lembrança. Mais ainda: merecem lembrança pessoas como você que sabem fazer valer uma presença Carinhosa a partir de um lugar nem sempre valorizado, nem sempre correspondido pelos pares, nem sempre ocupado e exercido na sua devida forma. E é por fazer valer seu Ofício que você merece, como poucos, os Parabéns pelo Dia! (ACC, 15 de outubro de 2016)

Querido Cerezzo

Fiquei emocionada com a sua mensagem!! Tenho imensas saudades e penso que posso melhorar para fazer aquela visita que devo a vocês. Apesar do desconforto que sinto pela descalorização dos professores, ainda tenho muito orgulho do nosso ofício. Fico feliz quando me chamam professora. ' E com muita alegria também o cumprimento, professor! (SLM, 16 de outubro de 2016)

Querida Sylvia,

Prefiro sempre o "ao vivo". Mais ainda o "a cores". Estando sem seu número no meu aparelho novo, o primeiro ficou inviabilizado; e, pela distância, o segundo idem. Assim, resta o recurso do "virtual" - expressão dúbia, que dissolve os encontros em gostos incertos, e os gostos certos em vítimas da ausência. No mais, nos resta a sinceridade dos votos, os de dezembro, sempre; os outros, a ver... (ACC, 24/12/2010)

Querido

Virtual, vocal e carnal não importa. Quero saber de você e sua mensagem é enigmática, deixando um esforço de decifração. Saudades sempre, simples e sem mistérios. (SLM, 25/12/2010)

Querida Sylvia,

Ainda que às vezes pouco comentado, hoje, dia 20, é Dia do Amigo. Portanto, momento de algumas lembranças, de fazê-las ocorrer, e de dar-lhes lastro. É nesse sentido que segue essa singela, mas sincera, missiva. (ACC, 20/07/2008)

Querido amigo missivista

Ainda bem que existem amigos, firmes e doces, fortes e delicados. Mesmo que a vida não seja muito boa e o mundo não seja o melhor dos mundos possíveis, sempre podemos contar com esse carinho. É a claridade do bem. (21/07/2008)

ORIENTAÇÃO

Mesmo depois de cumpridos os créditos na USP – completei-os com uma disciplina dada no Rio por Lili –, e o conseqüente fim das viagens semanais para Sampa, continuei ocupando a poltrona 23, ou seja, vivendo alguma outra vida, dedicada aos pensamentos e afetações em torno da tese. E tendo sempre ao lado, nessa viagem de afetos, Sylvia e seu tom muito bem definido por Lili como "anarcorientador".

Sobre o resultado final, a tese, creio ser dispensável trazê-lo neste espaço; quanto ao evento final, a defesa, muito teria a mostrar com ele sobre essa relação tão intensa em Amizade e Companheirismo – orientadores companheiros são raros! Mas um mínimo de discrição me impede de fazê-lo. Fico, então, com pequenos registros, envolvendo a finalização do texto e a realização da banca, para encaminhar o início do fim deste breve e totalmente emocionado percurso de deslocamentos e memórias.

Esse nosso diálogo sobre um trecho da tese vale registro. Sem se furtrar à crítica e apostando na confiança, a anarcorientadora se faz presente.

Sylvia,

Conforme combinei, envio trecho sobre o qual gostaria de sua opinião crítica e sincera. São 10 páginas. Trata-se do item V.6, do capítulo V, Referente à terceira transversal. Parte do item você tem na cópia que deixei co você. Mas agora ele segue completo... ao menos assim entendo. (ACC, 10/02/2008)

Querido Cerezzo,

Tenho alguma dúvida quanto ao texto. Diria que ele pode ser dispensado se você puder propor as idéias que ele contém (também não sei se pode apreciá-las devidamente). Mas se interessa despertar no leitor a perspectiva da ficção e de quanto ela pode ser esclaceradora de realidades ou de fantasias, deixe a história. Sempre há leitores, como eu, que não viram e nunca verão o filme. Orson Wells e a sua transmissão são visivelmente mais próximos. Sou muito favorável aos riscos. Tornam a vida mais viva (ha!ha!ha!) Nem só de idéias e conceitos vivem os homens mas de toda a fantasia e invenção com que podem nos presentear. (SLM, 13/02/2008)

Sylvia,

Sempre pelos riscos, deixarei como está, salvo as correções que, aliás, eu já havia assinalado mas não levei ao papel. (ACC, 14/02/2008)

Finalizado o texto, a defesa, e com ela, a adjetivação na despedida das mensagens expressa a cumplicidade no momento.

Querido,

Está tudo bem. Até a sala da defesa já foi marcada [...] Mas ainda não temos nada decidido sobre a nossa grandíssima amiga. Virá ela de onibus? Voltará de avião? Precisarás pernoite? (palavrinha pernóstica, não é mesmo?) [...] Fique tranquilo, reserve suas energias para a defesa, ou para coisas mais úteis e interessantes, por exemplo, o seu jogo de sinuca ou bilhar. Perdoe a minha ignorância. Beijamos absolutamente calmos (SLM, 14/04/2008)

Querido,

Ainda bem que não está aflito. O que vale não é a defesa mas a qualidade do trabalho que você realizou. Muito poucos conseguem ter clareza sobre o que desejam. Você teve e tem. Qualquer notícia comunique. A tese foi enviada e está sendo cobrada do correio. Beijo preocupado (SLM, 9/05/2008)

Cerezzo querido,

Complicado demais todas essas emoções quando você deveria estar aproveitando o prazer da tarefa realizada e bem realizada. Dê notícias urgentes Uma aflita Sylvia (SLM, 9/05/2008)

DESPEDIDAS?

Quando me chamou para escrever para este número de *Mnemosine*, Lili disse: “*Você quer escrever algo sobre Sylvia para sair em janeiro, na Mnemosine 2022.1? Sem qualquer limite ou padrão, o que você quiser*”. Não sei ao certo o que escrevi. Só sei que, dispensado de (quase) todas as formalidades, poderia terminar a qualquer momento, de repente, como às vezes a vida. Mas sinto que há algo mais, do qual não venha a lamentar ter deixado para depois. Como naquele dia 31 de dezembro de 2020, quando liguei para ela, celular e fixo, e não me atendeu. Não tive bom pressentimento, e, ainda assim, não insisti no dia seguinte. Não sabia que, três dias depois, não voltaria a ter um dia seguinte para fazê-lo...

Aquele algo mais talvez fosse me despedir da poltrona 23. Ou, ao contrário, radicalizar e continuar a ocupá-la em cada próxima viagem, seguir ouvindo de Sylvia os pequenos conselhos, as boas dicas, as sugestões de leitura variada e compartilhar de sua presença.

Mas foi sua ausência que senti em mensagem que enviei para Lili pelo Dia dos Professores passado:

Por bons anos, sob o mesmo mote, a outra destinatária encaminhei, neste mesmo Dia, mensagem de igual tom, às vezes até compartilhada. O tempo passa, as coisas mudam. E eis que, de onde tanto nos assistiu, ela lá não mais está para nos ler... (ACC, 15 de outubro de 2021)

E é assim, com Saudades, que me despeço dessa minha homenagem a minha Querida Sylvia. Mas, agora tenho certeza, não da homenageada! Portanto, sigo na poltrona 23, pois, como disse Lili em resposta a minha mensagem acima,

[...]” *mas quem sabe existe esse outro lugar.....e ela nos lê*” (HC, 15 de outubro de 2021)

Que assim seja! E que ainda seja possível atender ao pedido de Sylvia, exatos 9 anos antes:

– *Querido, quando poderemos matar as saudades, cá ou lá?* (SLM, 16 de outubro de 2012)

PS.: O prazo inicial que me foi dado para escrever este artigo pareceu, à época, mais do que suficiente. Faltando duas semanas para terminar, vi que não conseguiria. Pedi um adiamento. Natal, Ano Novo, e só então retomei a escrita. Ao fim do primeiro dia em que voltei ao texto, a maior parte das palavras agora aqui dispostas, e que assim poderiam estar há tanto tempo, reverberaram de outra forma: 3 de janeiro de 2022, um ano desde que o mundo, em seu conjunto de diferenças, ficou um diferente pior.